

As Metamorfoses do Marxismo

Steven Gouldner

O discurso da atualidade, da “moda”, neste ano de 1990, afirma que chegamos ao “fim da história” e que estamos vivendo a trágica “crise final” do marxismo. Restamos saber, então, qual é este marxismo que atravessa sua “crise final”, pois, como se acostumou admitir, existem vários “marxismos”. Na verdade, o marxismo de Marx e Engels – o marxismo original – é apenas um, embora tenha sofrido diversas “metamorfoses” no decorrer da história. Estas metamorfoses ocorreram tanto pelo desenvolvimento do capital e das lutas de classes quanto pela apropriação específica do marxismo em cada época, lugar e classe social. A primeira forma de “apropriação” expressa um aprofundamento das teses revolucionárias do “marxismo original”, pois continua expressando os interesses de classe do proletariado, razão de ser do marxismo; a segunda forma de “apropriação” revela-se uma deformação do marxismo. Portanto, devemos fazer o que Karl Korsch chamou de “aplicação do materialismo histórico a si mesmo”. As metamorfoses do marxismo não podem ser compreendidas através da concepção idealista dos “marxismos”. Podemos dizer, com uma ironia sarcástica, que hoje o “marxismo” dominante é o “marxismo” da classe dominante.

O marxismo original – de Marx e, em menor grau, devido seus equívocos, de Engels – era uma elaboração teórica complexa que perpassava o que hoje se chamaria de campo da “filosofia”, “economia”, “política”, “sociologia”, “pedagogia”, “psicologia”, “antropologia”, etc., e tinha como ponto de partida a análise do modo de produção, ou, o que é equivalente, das lutas de classes. O esforço monumental de Marx para escrever O Capital ou os Grundrisse demonstra o que é fundamental para o marxismo revolucionário (por “marxismo revolucionário” entendo o marxismo original e seu aprofundamento e atualização por diversos teóricos e correntes, que constituem o único marxismo existente, ao contrário do que diz a moda dos “marxismos”).

Mas, como o marxismo não está acima da luta de classes e do desenvolvimento histórico, ele passa a ser apropriado por diversas classes sociais e assim perde o seu caráter revolucionário, pois só expressando os interesses de uma classe revolucionária é que uma teoria pode se manter revolucionária. Cada indivíduo ao entrar em contato com o marxismo original o interpreta de acordo com os seus “carecimentos radicais” (para retomar expressão de Agnes Heller que, neste aspecto, é uma continuadora do marxismo

original, embora não o seja em diversos outros aspectos). Isto, entretanto, não cria “marxismos individuais”, pois em uma sociedade de classes, todas as idéias, teorias, etc., representam os interesses de uma ou outra classe, independentemente da motivação individual que a gerou.

Vejam algumas apropriações do marxismo. Começemos pelo reformismo (Bernstein e Kautsky). Bernstein procurou romper com o caráter revolucionário do marxismo sustentando que ele fracassou em sua análise do capitalismo: as classes médias não desapareceram, o capitalismo se desenvolvia como nunca, etc., por isso, a luta pelo socialismo deveria se basear não na premissa da luta revolucionária do proletariado e sim em preceitos éticos que seriam a base da luta por reformas que evoluiriam ao socialismo. Mas não podemos analisar as idéias por elas mesmas, pois é uma conquista do marxismo revolucionário a compreensão de que a ideologia não tem história. Devemos, então, procurar as condições reais que tornaram possível o aparecimento da ideologia reformista. A época de Bernstein se caracterizava pelo “boom econômico” do capitalismo. O aumento dos salários nominais, embora houvesse a queda dos salários reais, criou a ilusão de que as organizações operárias poderiam gradualmente conquistar benefícios cada vez maiores e construir uma sociedade mais humana. Além disso, o Partido Social-Democrata Alemão (de Bernstein e Kautsky) crescia eleitoralmente. Criou quadros específicos de funcionários e se burocratizou cada vez mais. O capitalismo criou novas classes sociais, os “funcionários da superestrutura”, tais como a intelectualidade e a burocracia. A intelectualidade e a burocracia se faziam presentes no partido e Kautsky e Bernstein são bons exemplos disso. O fenômeno da burocratização, do crescimento eleitoral, juntamente com o “boom econômico” do capitalismo, são alguns dos motivos que provocaram a “revisão” nos princípios políticos do marxismo e Bernstein foi o ideólogo que se responsabilizou por esta tarefa. Entretanto, foi justamente o capitalismo alemão com sua crise e o Partido Social-Democrata que abriram o caminho para a monstruosidade nazista.

Karl Kautsky, por sua vez, além de misturar evolucionismo com marxismo, tinha como principal “contribuição” a oferecer à teoria marxista a tese de que o marxismo deveria superar todo o utopismo. Ele é, sem dúvida, o pai do “realismo político” sob linguagem social-democrata. O marxismo, segundo ele, deveria romper com a idéia de que haveria uma “crise final” do capitalismo e de que seria possível existir uma “sociedade sem estado”. A partir dessa revisão das idéias fundamentais do marxismo original se altera as tarefas políticas da social-democracia: não havendo “crise final”, que

Kautsky julgava necessária para haver uma revolução, e não sendo possível a “destruição do Estado”, então se deve abandonar o programa revolucionário e lutar pela conquista do poder estatal e realizar, através de reformas, a passagem gradual ao socialismo. Este, obviamente, deixou de ser a “associação revolucionária dos produtores” proposta pelo marxismo original para ser um regime econômico que mataria o estado, sustentado e legitimado pela democracia representativa (burguesa), que atenderia as necessidades econômicas dos trabalhadores. A luta parlamentar e pela conquista do poder do Estado burguês passam a serem os objetivos da social-democracia.

Sabemos que as condições históricas da época de Kautsky são as mesmas de Bernstein, pois produziram suas ideologias no mesmo período e dentro do mesmo partido. Por isso foram duas respostas diferenciadas (diferença que não deve ser superestimada) para uma mesma situação histórica e expressando o ponto de vista de uma classe social determinada: a burocracia. Portanto, podemos dizer que esta “apropriação” do marxismo foi produzida sob determinadas condições históricas que são vistas sob a ótica de uma nova classe social busca conquistar o poder, no caso, a burocracia.

A apropriação bolchevista do marxismo apresenta três variantes principais: o leninismo, o trotskismo e o stalinismo. Nos limitaremos, por enquanto, ao leninismo, base dos demais. O fundamental da teoria leninista está na sua teoria da organização e na sua justificativa: a teoria da vanguarda. Esta famosa teoria afirma que a consciência de classe é introjetada “de fora” no proletariado pelos intelectuais “revolucionários” do partido. Mas vejamos sob quais condições históricas e sociais surgiram tais teses. O leninismo surgiu em um país atrasado, com uma cultura autoritária, um estado ditatorial, como organizações “revolucionárias” na clandestinidade, etc. Tudo isso tornou possível a ideologia leninista da vanguarda e do partido. Mas o desenvolvimento histórico refutou as teses leninistas: a classe operária adquiriu espontaneamente sua consciência de classe na Rússia e começou a realizar sua revolução, que acabou sendo usurpada pela burocracia (que também adquiriu sua “consciência de classe” espontaneamente e para se comprovar isto basta ler Lênin).

Resta, ainda, responder às duas questões que podem ser colocadas: a) se a burocracia, enquanto classe social, é um produto do desenvolvimento capitalista e a Rússia era um país atrasado, então a burocracia, neste país, devia ser extremamente débil, e, por conseguinte, como poderia ela usurpar a revolução do proletariado?; b) Se o reformismo é a ideologia da burocracia na Europa Ocidental (Bernstein, Kautsky), então como, na Rússia, ela pode utilizar a ideologia bolchevique? Em primeiro lugar, a Rússia

era um país em transição para o capitalismo e, justamente por isso, todas as classes sociais em formação eram numericamente reduzidas (a burguesia, a burocracia, o proletariado) e as classes “decadentes” (os grandes proprietários de terras e o campesinato) eram mais numerosas, embora as primeiras crescessem e as outras decresciam numericamente. Entretanto, não se pode analisar as lutas de classes utilizando de critérios puramente quantitativos. O proletariado era numericamente pequeno, mas devido sua concentração nos centros industriais e sua potencialidade revolucionária, conseguiu derrubar o Estado Czarista. A burguesia era extremamente débil não só numericamente, mas também porque se via ameaçada pelo proletariado e por isso queria a todo custo manter sua aliança com a nobreza para ter segurança. Mas, para fazer isto, tinha que, ao mesmo tempo, realizar concessões à nobreza que obstaculizava o desenvolvimento capitalista. A aliança de classes que sustentava o Estado Czarista era frágil e as classes exploradas (proletariado e campesinato) eram fortes. A burocracia civil era numericamente pequena, mas possuía uma força ideológica e organizacional poderosa. Aliando-se às classes exploradas, ela conseguiria derrubar as antigas classes dominantes e enganar as massas para tornar-se a nova classe dominante.

Em segundo lugar, a burocracia, assim como todas as classes sociais no capitalismo, devido à complexa divisão social do trabalho, possui divisões internas. A principal divisão que existe na burocracia ocorre entre a burocracia civil, que é a que nasce nas empresas e instituições privadas, e a burocracia estatal, que é a que existe no Estado e em suas instituições. Existem outras divisões internas nesta classe e isto cria várias ideologias que expressam, de forma diferente, seus interesses, mas, além disso, a burocracia pode elaborar ideologias de acordo com o momento histórico e alterar sua posição política dependendo da situação concreta. Na Rússia, a luta política do proletariado e do campesinato forçava o Estado Czarista a implantar um regime ditatorial e isto se opunha aos interesses da burocracia civil, pois sem democracia representativa, o desenvolvimento desta fração da classe é impedido. Por conseguinte, a burocracia civil tinha que se opor ao czarismo e só conseguiria derrubá-lo com o apoio das classes exploradas. O bolchevismo cumpriu este papel e a ideologia leninista foi a sua mais perfeita expressão intelectual.

A apropriação luxemburguista do marxismo original retoma a linha fundamental do marxismo revolucionário. Rosa Luxemburgo não poupou críticas à social-democracia, ao bolchevismo e aos sindicatos. Parte dessas críticas era limitada devido à época em que vivia, quando o bolchevismo ainda mantinha um discurso “revolucionário” e a social-

democracia, os sindicatos e os partidos ainda não tinham se degenerado num nível tão elevado quanto se veria depois. A análise que ela fez do capitalismo é importante, mas o seu principal mérito foi ter analisado o processo de revolução proletária: espontaneidade revolucionária, greves de massas, conselhos operários. Ela não só retomou o marxismo original (“a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores”) como o aprofundou à luz do desenvolvimento histórico.

A apropriação stalinista do marxismo significou simplesmente a transformação do marxismo original em ideologia oficial do “Estado soviético, mas sem sovietes”. Stálin era teoricamente medíocre, mas possuía “competência burocrática. Stálin sistematizou, adaptou e deformou os escritos de Marx, Engels e Lênin para torná-los coerentes com os interesses da burocracia erigida como classe dominante. A única coisa que ele apresentou digna de nota foi a sua deformação esdrúxula das “leis fundamentais” do capitalismo e do comunismo e a tese do “socialismo em um só país”. Para Stálin, a “lei fundamental” do capitalismo não era a produção de mais-valia e sim a “busca do lucro” e a “lei fundamental” do comunismo não seria a “livre associação dos produtores” e sim a satisfação das necessidades. Assim, o primado do modo de produção elaborado pela teoria marxista é substituído pelo primado da distribuição do excedente. Essa ideologia – deformação ideal da realidade – consiste em substituir o determinante pelo determinado e vice-versa. Com isto a questão fundamental (relações de produção, o Estado, etc.) torna-se secundária. O problema passa a ser apenas o nível de consumo dos soviéticos. A época de Stálin se caracteriza pelo domínio da burocracia como classe dominante no capitalismo de Estado e suas concepções políticas, econômicas, etc., expressam com conceitos marxistas deformados, os interesses da classe dominante.

A apropriação trotskista é mais complexa que a stalinista. O pensamento de Trotsky atravessou três fases, sendo que a primeira não expressava uma deformação do marxismo. O que nos interessa, contudo, são suas duas últimas fases. Isto se justifica devido ao fato de que a influência histórica maior de Trotsky ocorreu nestas fases e serem elas as únicas reconhecidas pelo “trotskismo”. A fase de “Trotsky no poder” é a que ele se apresentou como mais burocrata e autoritário que Lênin. Foi isso que possibilitou Stálin chamá-lo de “pai dos burocratas”. O que Trotsky produziu de mais original até o seu confronto com Stálin foi a “teoria da revolução permanente” – já esboçada na primeira fase do seu pensamento e sistematizada na terceira fase – que não existia no marxismo original, apesar das incansáveis tentativas dos trotskistas em provar o contrário. Mas, apesar da importância de tal teoria no conjunto do pensamento de Trotsky, ela não será

aqui analisada porque não compromete “muito” o marxismo original. O que nos interessa aqui é o “profeta desarmado” pelo stalinismo.

Sabemos que Trotsky analisou o sucesso do stalinismo devido ao desenvolvimento insuficiente das forças produtivas. Foi esse atraso que tornou possível a ascensão de Stálin e as deformações burocráticas do “Estado Operário”. Apesar disso houve a “socialização” dos meios de produção e com isso se construiu a “base econômica” socialista e só houve deformações na “superestrutura”, o que torna necessário uma “revolução política”. Assim, Trotsky abandona o materialismo histórico e adere ao dualismo filosófico da burguesia: ele analisa a burocratização da Rússia sem levar em conta o papel fundamental da luta de classes, depois de subestimar o papel dos indivíduos e das classes sociais na história, supervaloriza o papel de Stálin no processo de burocratização; confunde “socialização” com “estatização” dos meios de produção, defende a possibilidade de uma “superestrutura” ultrapassada conviver com uma “estrutura” revolucionária. Claro que tudo isso tem que ser compreendido no quadro da situação histórica da Rússia. Trotsky responsabiliza o atraso da Rússia pela burocratização e assim foge da responsabilidade, juntamente com Lênin, de tal fato. Mas, ao mesmo tempo, tem que justificar a tomada de poder pelos bolcheviques mesmo em um país atrasado. A solução é apelar para a possibilidade de uma revolução salvadora na Europa Ocidental. A não realização de tal revolução abre espaço para o stalinismo. Mas, mesmo assim, é necessário colocar a possibilidade da Rússia seguir rumo ao socialismo, esperando, é claro, a revolução na Europa para justificar a existência da “oposição de esquerda”, o trotskismo. Assim, cria-se uma supervalorização do papel de Stálin na burocratização.

Leon Trotsky nunca pode fazer a crítica das raízes do stalinismo, pois isto seria o mesmo que fazer uma autocrítica e assumir a responsabilidade (juntamente com Lênin e os demais bolcheviques) da burocratização da Rússia. No final das contas, foi o bolchevismo de Lênin e Trotsky que gerou o stalinismo.

A apropriação esquerdista do marxismo é muito variada e precisa ser recuperada por ser a continuação do marxismo revolucionário de Marx e Rosa Luxemburgo. As mesmas questões que foram colocadas pelo movimento histórico receberam uma resposta proletária por parte da esquerda. O grupo mais importante componente do amplo espectro do esquerdismo é aquele que ficou conhecido como “comunistas de conselhos”, e que teve o mérito de compreender o verdadeiro caráter da sociedade soviética, o papel conservador de partidos e sindicatos, o significado do bolchevismo, a necessidade da

auto-organização do proletariado, a recuperação do verdadeiro conteúdo do socialismo, etc. Os comunistas conselhistas tiveram como maior mérito terem re-descoberto o conteúdo do socialismo, a autogestão. Além disso, analisaram o processo da revolução proletária como produto da luta operária autônoma que se radicaliza e cria os conselhos operários e se tornam os organismos de autogestão coletiva dos produtores. Claro que tais análises não foram fruto apenas do “brilhantismo intelectual” dos comunistas de conselhos, mas principalmente devido à radicalização prática do movimento operário na Alemanha, Rússia e outros países e também a emergência dos conselhos operários neste período histórico em vários países e a burocratização que era um obstáculo contra-revolucionário, oriundos do desenvolvimento histórico que não permitia mais, partindo-se do ponto de vista do proletariado, a fusão com a social-democracia e o bolchevismo ou aderir a projetos de sociedade como a URSS, etc., e o não-reconhecimento da ação revolucionária do proletariado e seu significado.

Outras apropriações, à esquerda, do marxismo, devem ser melhor analisadas, observando-se suas limitações e contribuições. Este é o caso de Bordiga e seus seguidores, o grupo inglês Solidarity, o grupo italiano “Il Manifesto” e os demais grupos autonomistas italianos, etc. Existiram, também, muitas outras apropriações direitistas do marxismo, mas não tiveram a influência que as acima analisadas tiveram.

De tudo que foi colocado aqui, o que se vê é que a “crise do marxismo” é a crise das deformações do marxismo. O pseudomarxismo tradicional de Bernstein, Kautsky, Lênin, Lukács, Trotsky, Bukhárin, Stálin, Togliatti, Gramsci, etc., é que está em crise e leva consigo todos os herdeiros e substitutos contemporâneos como Mandel, Althusser, Poulantzas, Perry Anderson, etc. Para o marxismo revolucionário tanto faz se os livros de Marx estão sendo vendidos no mercado ou não. Também pouco importa se aumentou ou diminuiu o número de auto-intitulados marxistas. A questão fundamental para o marxismo revolucionário não é o apogeu ou a crise da cultura “dita” marxista e sim o desenvolvimento do capital e da luta de classes.

Abre-se espaço, com tal crise, para recuperarmos o marxismo revolucionário e as análises essenciais para a teoria da revolução proletária e reconhecer o atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista e das lutas de classes. A atual “crise do marxismo” é, na verdade, uma crise do que Marx chamou de “apêndices pré-revolucionários”. Esta crise abre espaço para a ação revolucionária do proletariado sem as mistificações do capitalismo estatal soviético em agonia. As figuras “equivocadas” da revolução proletária começam a cair e com isso o verdadeiro movimento revolucionário

ameaça ressurgir e declarar a morte do capitalismo (privado e estatal) e o fim de “sua” história.